

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Diccionario Comercio e Industria (S.A) Class.: _____

77

Data: 14 de setembro de 1984

Pg.: _____

Ponto de vista

O índio no Brasil — 5

■ Arruda Camargo

Ao defrontar-se com a realidade brasileira, o colono europeu verificou que lhe não bastava possuir léguas e léguas de terras incultas, se não dispusesse, também, de meios para trabalhá-las. Ai apelou para o braço escravo do índio e do negro. Essa carência de mão obreira elevou o preço do escravo nos mercados brasileiros, com preços altíssimos, entre 1530 e 1630. Isso despertou cobiças e levou à constituição de verdadeiras empresas dedicadas ao tráfico de escravos. As primeiras bandeiras, voltadas exclusivamente, à caça do índio, desciam dos sertões milhares de bugres que eram vendidos aos colonos. Rui Barbosa, quando ministro, mandou queimar os documentos relativos à escravidão, no Brasil, envergonhado com a eloquência trágica dos números, de modo que se torna muito difícil saber, com precisão, o número de escravos africanos entrados no Brasil, não se falando naqueles que entravam pelas portas do contrabando.

Aos 19 de março de 1766, Morgado de Matheus, governador da Capitania de São Paulo, torna pública instrução emanada da corte de Lisboa, declarando: "...os índios não são feras mas sim homens racionais, hão de fugir dos que os perseguem, afugentarem, matarem e lhes roubarem suas mulheres e filhos". No mesmo ano, o rei de Portugal envia uma carta a "seus amigos", os caciques dos rios Yapó, Tibagi e Iguaçu, renovando-lhes a velha amizade (!). Diz-lhes, textualmente: "E para que principieis a

experimentá-la (a velha amizade), em sinal de laivos ofereço seis barris de aguardente..."

Sem nenhum comentário da nossa parte.

A bula do Papa Paulo III, declarando que o índio procedia da mesma origem divina do homem branco, que era portador de alma imortal e filho de Deus, portanto ser humano, gente como qualquer gente, com direito à liberdade e à justiça, não obstante a cor da sua pele, de seus usos e costumes diferentes, não teve grande influência na realidade brasileira. Proclamar o índio como gente livre era uma coisa, reconhecê-lo nesse "status" e aceitá-lo na convivência, em condições de igualdade, era outra. O próprio bispo Dom

Sardinha, primeiro prelado brasileiro, não se considerava bispo de índio, numa terra habitada por índios...

As próprias ordens religiosas (e tanto elas contribuíram para o desenvolvimento do País, no início da colonização), com exclusão dos franciscanos, mantinham escravos a seu serviço. Aqui cabe uma pergunta, das mais graves, mesmo considerando-se o pensamento ético dos séculos XVI e seguintes: o negro não seria gente, não teria alma imortal, não seria filho de Deus? Ah! ele era descendente de Cã, o filho maldito de Noé, e isso eliminou-o do convívio humano e tornou-a criatura que poderia ser negociada como qualquer besta ou animal de carga...